

GENTE SEM MUNDO: O FALHANÇO DA CIVILIZAÇÃO NA OBRA *A CHARCA*, DE MANUEL BIVAR

Paulo Ricardo Kralik ANGELINI*

- **RESUMO:** Neste ensaio, apresento uma leitura da obra *A charca*, de Manuel Bivar, sob a perspectiva do esfacelamento da civilização e o reencontro do homem com uma natureza primordial, selvagem e brutal. Dono de um discurso furioso e potente, crítico da sociedade do hiperconsumo e da tecnologia onipresente, o protagonista da narrativa isola-se do mundo, das pessoas e de sua própria vida pregressa para tentar recompor-se enquanto sujeito e garantir a própria sobrevivência num planeta em meio ao caos. Na análise de conceitos-chave como a dissolução das identidades no mundo tecnológico, a simbologia do fim do mundo e a natureza em seu estado puro, utilizo, como arcabouço teórico, autores como Byung-Chul Han, Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Christian Dunker, Ana Paula Arnaut, Pedro Eiras, entre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa portuguesa hipercontemporânea. A charca. Tecnologia. Natureza. Identidade.

Introdução

As catástrofes naturais há muito fazem parte das doses diárias de imagens bombardeadas nas mídias. O que é indiscutível, entretanto, é o aumento, nos últimos anos, da incidência de eventos trágicos relacionados ao meio ambiente. Acoplamos ao nosso vocabulário expressões meteorológicas como frente fria, frontogênese, efeito estufa, núcleo de condensação, camada de ozônio, el niño, la niña, ciclone extratropical.

Os efeitos desses eventos no planeta em que vivemos igualmente têm sido estudados há algumas décadas. A ecocrítica, desde os anos 1990, com sua ênfase na interdisciplinaridade, mostrava para as Humanidades uma possibilidade de novos olhares a partir da ciência. De acordo com Ricardo Marques (2012), no E-dicionário de termos literários: “A análise ecocrítica de um texto pretende, de certa forma,

* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Escola de Humanidades – Programa de Pós-Graduação em Letras – RS – Brasil. 90619-900– paulokralik@gmail.com

dar voz a uma coisa silenciada – a natureza e o mundo exterior”. Ainda segundo o verbete, o foco da ecocrítica passa “por todos os motivos que encontramos na natureza – não só os elementos que compõem o planeta, a sua fauna e a sua flora, como também assuntos tão abstractos como o espaço celeste e tudo o que o caracteriza” (Marques, 2012).

Recentemente, tem ganhado destaque a linha de pesquisa do antropoceno, que leva em consideração, segundo Liz-Rejane Issberner e Philippe Léna (2018),

o impacto da acelerada acumulação de gases de efeito estufa sobre o clima e a biodiversidade e, da mesma forma, dos danos irreversíveis causados pelo consumo excessivo de recursos naturais. Contudo, é preciso transformá-lo em uma nova época geológica. (...) Nós estamos, de fato, testemunhando uma forma coletiva de negação, que é o resultado de uma fé ingênua no progresso, de uma ideologia consumista e de poderosos lobbies econômicos.

Os autores reforçam que a humanidade, de certo modo, terceiriza a solução de problemas graves para a ciência, para o poder público, negando os estragos que a fé cega no progresso e no desenvolvimento promovem, como se os recursos naturais do nosso planeta fossem infindáveis. Por isso, afirmam os autores, as humanidades precisam encampar estudos e pesquisas com foco em questões urgentes do nosso tempo: “desastres naturais, energias renováveis, esgotamento de recursos naturais, desertificação, ecocídio, poluição generalizada, migrações, injustiça social e ambiental” (Issberner; Léna, 2018).

Ou seja, para o professor da USP, José Eli da Veiga (2022, p. 24),

reconhecer o Antropoceno significa que a história natural e a história humana, tidas, desde o início do século XIX, como independentes e incomensuráveis, passam agora a ser pensadas como uma única e mesma geo-história, com o acréscimo desta nova força telúrica dominante. O que parece sugerir o fim daquela natureza vista como mero pano de fundo externo para o drama da história humana. Assim como o fim de grilhões somente sociais para a compreensão da sociedade moderna (2022, p. 24).

É, portanto, essa linha inseparável entre o humano e a natureza que pretendo abordar neste ensaio. Quer dizer, a natureza não é um mero pano de fundo, um cenário narrativo, um efeito literário. A natureza surge como personagem na obra *A charca*, de Manuel Bivar, publicada em 2021. Reforço, porém, que no caso do livro estudado, não há um desastre natural especificamente identificável, mas a existência de um elemento de desarmonia num mundo já previamente desequilibrado. A imagem de fim dos tempos igualmente é tratada, mais para o final de *A charca*, como recomeço, na percepção de uma série de eventos climáticos

e alusão a, talvez, dinossauros: “Tudo ali apontava início. Os grandes herbívoros de volta, a ausência de pessoas, os novos dilúvios, a subida das águas, os campos de golfe da costa cobertos de água salgada”: (Bivar, 2023, p. 103). Assim, essa natureza furiosa surge para a personagem central como único caminho para a busca de algum sentido nesse planeta desorientado.

Trato, portanto, da literatura hipercontemporânea, conceito e corpus com os quais tenho trabalhado já há alguns anos, e que abarca essa literatura de agora, recentemente publicada. Prefixo *híper* que traduz o excesso, a intensificação desse contemporâneo. Para Carlos Reis, tendo em vista as problemáticas definições tanto de *moderno* como de *contemporâneo*, é importante não pensarmos no hipercontemporâneo apenas como “uma postulação simplesmente cronológica”, e isso significa “incutir densidade axiológica e histórico-cultural a um conceito que, não constituindo designação consolidada para um tempo periodológico preciso [...], solicita aprofundamentos para que eventualmente lá se chegue” (Reis, 2018, p. 9). São esses aprofundamentos que nos levam a debater, inclusive, esses textos muito recentemente publicados, a partir do século XXI, e que carregam a urgência das questões desse tempo de agora.

Há uma série de recorrências nessas obras, que acabam por consolidar tendências, tendências essas que não invalidam outras possibilidades, mas que com elas coexistem. Ana Paula Arnaut considera o hipercontemporâneo fruto do seu tempo, textos com forte carga intertextual, e mesmo intermedial (livros que se valem de imagens, fotografias, ilustração). Arnaut (2018, p. 19) postula que são novas obras que exigem novos olhares dos leitores e da crítica, uma vez que manifestam “um imperativo de inscrever novos temas e novos cenários que espelhem as inflexões comportamentais, (inter)individuais e (inter)sociais, decorrentes de um novo mundo”. Surgem assim títulos que incorporam as mais diferentes temáticas. De acordo com Paulo Ricardo Kralik Angelini e Samla Borges Canilha (2024, p. 131, tradução nossa), textos

que alegorizam as crises econômicas, as crises ambientais, que carregam inscrições distópicas, que debatem o esgotamento do nosso planeta. Obras que problematizam os movimentos migratórios, a crise dos refugiados, os processos de desterritorialização e de apagamento da identidade. Obras que tematizam a transformação e a precarização do trabalho e do trabalhador, em jornadas 24/7, em empregos informais, e discutem a maquinização do indivíduo, sua desumanização. Obras construídas em tempos em que a ciência é posta em xeque; a cultura, a arte, são atacadas; o jornalismo é relativizado em prol de narrativas fabricadas em redes sociais, as fake news. Obras que trazem sujeitos, portanto, quebrados, individualizados, incentivados a uma permanência isolada num mundo por sua vez cada vez mais conectado, contatos virtuais em meio às mais diversas tecnologias, redes sociais, inteligência artificial.

O olhar de muitos desses textos recentes dirigem-se, portanto, para diversas dessas problemáticas apontadas por Liz-Rejane Issberner e Philippe Léna. É nesta perspectiva que pretendo analisar, neste ensaio, uma dessas narrativas hipercontemporâneas: *A charca*.

Jardins de morte e vida

O abandono da civilização para um contato holístico com a natureza já era tema tratado, por exemplo, na virada do século XIX para o XX. O conto “Civilização”, semente da obra póstuma de Eça de Queirós *A cidade e as serras*, traz de forma divertida o esgotamento do mundo da máquina em favor de uma vida mais atrelada ao campo. Quando Jacinto – personagem que uma rápida análise antroponímica não descuidaria dessa descoberta do sentir, já sinto – notável personagem queirosiano, por força das circunstâncias, decide deslocar-se à serra, perde pelo caminho não apenas seus trinta e sete caixotes de bagagem, mas toda uma postura de arrogância e autossuficiência oriundas do mundo civilizado. A vivência do hipercivilizado na bucólica região montanhosa abre o seu mundo para outras demandas.

130 anos depois de Jacinto, uma personagem traz as mesmas angústias, mas de forma ainda mais radical, uma vez que se desquita ou procura dissociar-se de toda relação com o mundo civilizado, com esse mundo em crise que vive uma pandemia sem precedentes.

A obra *A charca*, lançada em 2021, não teve grande destaque nos mostruários das livrarias comerciais de Portugal, aquelas que vendem livros, computadores, telemóveis e ursinhos de pelúcia. No Brasil, o texto é praticamente desconhecido¹. Há quase nada de crítica literária a respeito, mas o que já existe é superlativo. O crítico literário António Guerreiro (2021), do jornal português *O Público*, considera esse o mais importante texto ficcional lançado nos últimos anos em Portugal. Já o investigador da Universidade de Lisboa, Amândio Reis (2022), chama a obra de uma eco-ficção e afirma que ela “aparece como um objecto não identificado nos céus da ficção portuguesa contemporânea”. Para o poeta e editor Diogo Vaz Pinto (2021), o que o Manuel Bivar consegue neste texto “é uma interpelação violentíssima” contra o sistema, através “de uma ironia brutal, uma escrita cativante da primeira à última página”, resultando numa obra que é um *murro na cara*.

Bivar, a título de curiosidade, frequentou mestrado de História Social no Brasil, na UNICAMP, onde investigou a história da agricultura, em trabalho premiado que deu origem ao livro *Os chãos dos Biafadas*. Dito isso, sublinho o assombroso

¹ No segundo semestre de 2023, a obra fez parte do cronograma de leituras do grupo de estudos ligado ao Projeto de Pesquisa ‘Cartografias Narrativas em Língua Portuguesa: Redes e enredos de subjetividade’, coordenado por mim, na PUCRS.

domínio do mundo e da linguagem botânica que aparecem no texto. Aqui, o mato é de fato personagem. Afirma Amândio Reis (2022) que

alguns dos habitantes mais corpóreos desse mundo são plantas, animais e micróbios, sempre identificados pelo nome ou pela classificação taxonômica em latim, isto é, sempre reconhecidos, específicos e descritos nas suas propriedades, que são únicas, mas que também os prendem uns aos outros no parasitismo, nas relações sexuais e na alimentação. A natureza é um todo sem partes.

O nosso Jacinto do século XXI é um iconoclasta. Habita um mundo que não faz mais sentido, um mundo já pós-apocalíptico, talvez em plena pandemia. O próprio autor, em mesa-redonda promovida pela Feira do Livro do Porto de 2021, afirma: “Não reparamos no apocalipse, enquanto anunciávamos o fim do mundo” (Bivar, 2021). Amândio Reis (2021) especula: “Ele desloca-se para esse hiper-futuro da narração, em relação ao qual o futuro especulativo da diegese corresponde já a um histórico Éden pós-humano, o qual se vislumbra, aqui e ali, no pretérito imperfeito próprio dos relatos”, como em “Agora que as terras tinham sido abandonadas voltavam os matagais e com eles veados, corços, gamos, javalis aos milhares, lobos, lince, víboras, texugos, raposas, saca-rabos” (Bivar, 2023, p.33). António Guerreiro (2021) complementa: “é um livro que desenha uma paisagem pós-apocalíptica, sem, no entanto, ser ficção científica”. É preciso mesmo reiterar que essa nota pós-apocalíptica do texto advém de registros no fundo bastante realistas, porque a realidade da natureza intocada e abundante carrega em si mesma algo não manejável, não de todo compreensível, algo selvagem, primitivo, algo novo.

Trago aqui, portanto, uma tendência recorrente nessa literatura hipercontemporânea que é debater essas questões a partir da crise ambiental e do desaparecimento do humano. Longe, portanto, de abarcarem apenas textos de ficção científica (ainda que habilmente apresentem mundos distópicos – ou aparentemente distópicos), são obras que trazem nosso tempo de catástrofes, de esgotamento do planeta. Como sugerem Ana Paula Arnaut e Ana Maria Binet (2018, p. 11): “Os problemas relativos ao meio ambiente transparecem igualmente na produção literária atual, que revela um enraizamento num real que se pode transformar, e não somente na literatura, num cenário de autêntico pesadelo”. Em seu estudo de fôlego sobre as inscrições distópicas no romance português hipercontemporâneo, Caroline Becker sublinha que, se nas distopias clássicas, a tematização é “o medo dos estados e organizações sociais capazes de silenciar as individualidades em nome da coletividade” nos textos mais atuais “a ameaça, agora, é o individualismo”, o egoísmo; “a indiferença com o outro. A ameaça, hoje, é a insensibilidade moral”. (Becker, 2017, p. 160)

É essa *insensibilidade moral* que transformou a personagem do texto em caça, desde sua infância. Esse homem, assim, carrega um ódio por tudo aquilo que diz

respeito à sua vida prévia: um ódio à cidade, um ódio ao ambiente acadêmico, um ódio ao bullying sofrido na escola, um ódio ao comportamento padronizado dos gays, um ódio ao convívio com o outro, um ódio à sociedade em geral. Por conta disso, decide viver no meio do mato. Como afirma Amândio Reis, o romance de Manuel Bivar é inovador em diferentes frentes, e “também ao nível do assunto, com o seu protagonista verdadeiro — um homem do campo, «bicha rural» (p.56), algures no interior português, entre o Alentejo e o Algarve —, mas despersonalizado, anónimo, e com o seu relato ao mesmo tempo fabuloso e naturalizador, muito mais do que naturalista”.

A primeira grande ironia, portanto, é justamente a de trazer esse Portugal rural sem nenhuma idealização, como lembra António Guerreiro (2021). A obra traz

uma descrição do mundo rural destituída de qualquer espécie de idealismo. Pelo contrário, há aqui uma espécie de vertigem, de imanência e de uma certa crueldade da natureza. Não há nenhuma relação romântica com a natureza, nem a noção de paisagem, nem nada que se pareça com a noção daquilo que são os quadros conceituais com que o sujeito urbano olha a natureza.

Desta forma, conforme Amândio Reis (2021), Manuel Bivar “continua indomesticado e alheio à tradição portuguesa e ao seu modo-de-fazer”. A literatura portuguesa, bem sabemos, muito se alimenta dessa imagem idílica do mundo rural português. Miguel Real resgata o conceito de aldeianismo, de António José Saraiva, como uma das características do povo português. “Civilização” de Eça traz um tanto dessa representação ufanista, ainda que, como bem lembra Teresa Cristina Cerdeira (2000), em *A cidade e as serras* não há a vitória da serra sobre a civilização, mas uma espécie de equalização entre as duas. Aqui em *A charca*, não. Aqui o mato vence o homem.

Ainda que o mundo diegético pareça pós-apocalíptico, pandêmico, em ruínas, ele recupera, como já referi, a essência inabitada dos bosques, o funcionamento quase primordial da natureza, a natureza em seu estado puro. Puro e hostil. É uma natureza, portanto, como traz o texto: sem propósito. *A charca*, então, como avisa António Guerreiro (2021), nos obriga “a olhar para baixo, para o chão, para a terra” numa espécie de *contrassublime*. Ou seja, esse homem não sente nenhuma elevação de espírito, não há transcendência. Há a mera sobrevivência.

A personagem de *A charca* está isolada e cercada por elementos de uma natureza a todo momento opressora, em que veados, porcos esfomeados, víboras, podem matá-lo a qualquer descuido. Assim inicia o texto:

Era um jardimzinho de carvalho negral, giesta amarela e cebola-albarrã, com granitos, onde as vacas morriam envenenadas com cicuta que comiam na ribeira e onde eram inevitáveis os pensamentos sobre morte e vida, a cada momento,

e também sobre a desgraça inequívoca da condição veada neste mundo (...) Na ribeira havia cágados e ratos de água, rosas-caninas e pereiras que davam umas pêras muito duras sempre devoradas pelas pegas azuis e pelos estorninhos (Bivar, 2023, p. 5)

O parágrafo inicial, portanto, já mostra um espaço que contempla vida e morte, uma natureza que se alimenta a si própria, que ostenta perigos escondidos e venenosos. Em seguida, neste cenário, é apresentada a personagem, e a cena breve já mostra aquele homem em sua essência: quase 40 anos, a masturbar-se em cima de uma rocha. Ele ejacula um jatinho de esperma, “um jacto minguado” que em nada se compara com a abundância do mundo animal, “nem uma décima parte dos trezentos mililitros que os veados libertavam depois de se montarem uns aos outros” (Bivar, 2023, p. 5). É nessa constante comparação entre o humano – egocêntrico, falhado, ridículo, minúsculo, como ele – e a natureza, grandiosa e imprevisível, que o protagonista se move por entre as armadilhas que há naquele espaço intocado.

Pedro Eiras, escritor e pesquisador na Universidade do Porto, onde coordena projeto de investigação sobre a representação e o imaginário do fim do mundo, aponta um “delicioso imaginário de destruição” que desperta o interesse imediato do público, ao que ele se refere como a espetacularização do fim do mundo. Eiras pesquisa a recorrência dessa temática no cinema e na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, e pergunta-se por que “nos fascina e aterroriza esse tema milenar – nunca resolvido” (Eiras, 2022, p. 9).

No caso de *A charca*, esse fim do mundo está alinhado com a sensação de desamparo vivida na pandemia. Bivar aproveita-se, portanto, daquele mundo ruído que descobrimos habitar quando um vírus minúsculo começou a empilhar corpos nos hospitais e nas ruas, quando tocar no outro era proibido, quando as relações afetuosas eram um risco. E é a partir desse mundo de privações ou mesmo de um mundo distópico muito próximo daquele mundo do pós-Covid, que nos fala a personagem de *A charca*. Lá, em plena pandemia – importante referir que a pandemia nunca é de todo explicitada, mas há indícios que nos são familiares: um vírus, há o uso obrigatório de máscaras, as fronteiras fechadas por conta de medidas sanitárias, a necessidade de isolamento social² –, que alastra mortes por todos os lados, junto à natureza, acaba por observar que tudo em volta também morria:

os sobreiros morriam, os carvalhos morriam, as raízes atacadas pela fitóftora, a árvore sufocada e o tronco seco, as pernas que caíam, as bolotas germinadas

² Por exemplo em “Não estivessem as fronteiras fechadas por todas as medidas sanitárias entretanto decretadas e toda aquela carne seria sua” (Bivar, 2023, p. 65) e em “Quando a prostituta lhe pediu boleia e ele a mandou pôr a máscara e ela lhe ofereceu uma oral por três euros pensou que tristes tempos” (Bivar, 2023, p. 66)

entre sargaços e as giestas pisoteadas por vacas enormes [...] Os carvalhos também morriam de cancro, um buraco na base do tronco de um preto brilhante como carvão. As negaças que não faziam barulho ao levantar voo era mortas com a cabeça batida no chão, os galgos que não tocavam as lebres eram mortos às dezenas (Bivar, 2023, p. 6).

Ou seja, aquele mato “eram jardins de morte e vida” (Bivar, 2023, p. 7). Pedro Eiras (2022, p. 59) recorta do texto de Walter Benjamin sobre o contador de histórias: “a morte é a sanção de tudo aquilo que o contador de histórias pode narrar” e reflete: “Walter Benjamin lembra que o moribundo detém uma ‘autoridade’ especial”. E “aquele que morre possui toda a experiência de uma vida, que nesse instante termina – ou se completa”.

No início de *A charca*, vemos um homem morto em vida, desesperançado e raivoso, a tentar sobreviver no meio de uma natureza *radiotiva*: “as principais fontes de radiação não são artificiais [...], mas sim os raios cósmicos do espaço, os raios gama das rochas, dos solos e o radão das rochas e dos solos de granito” (Bivar, 2023, p. 102). E ele não se refere a um mundo pós-hecatombe nuclear, mas a esse nosso mundo exatamente de agora. Contudo, Manuel Bivar trabalha na perspectiva daquilo que Eiras chama de ‘humanidade mínima’, uma vez que essas obras que representam um mundo em extinção necessariamente lidam com o aniquilamento da humanidade, restando poucas – ou nenhuma – testemunhas:

O imaginário do fim do mundo na narrativa contemporânea (literária e cinematográfica) implica quase sempre a extinção da humanidade. Que a fauna e a flora, o planeta Terra, o universo continuem a existir ou colapsem, num cataclismo natural ou artificial, não é indiferente; mas a ideia de ‘fim de mundo’ confunde-se, em primeiro lugar, com a ideia do fim do ser humano (Eiras, 2022, p. 75).

É exatamente o que ocorre em *A charca*. Por conta do isolamento, a protagonista parece ser uma das poucas testemunhas daquele processo de extinção. Sozinho, fechado em si mesmo e cercado pela natureza, a cada dia tinha mais certeza da sua escolha, porque “ninguém conseguia mais imaginar futuros” (Bivar, 2023, p. 77). O imaginário dentro da obra revela ou um mundo que já acabou fora daquele espaço, restando poucos sobreviventes, ou um mundo que talvez resista, e dele já não temos mais registro no texto, mas que está cada vez mais em dissintonia com o que acredita o protagonista. Em nenhum momento a narrativa refere-se àquele mundo lá fora no presente: apenas no passado, com o já vivido, e no futuro: a provável extinção.

Afastado de todos, esse ser eremítico, aos poucos, no desenvolvimento da narrativa, começa a se familiarizar cada vez mais com os “tempos nas pedras”, com o mundo natural que escolheu, ainda que tenha consciência, a todo instante,

dos riscos que ali corre: “de ser morto por um veado, de ser confundido com um macho e acabar com um chifre enterrado na barriga” (Bivar, 2023, p. 5). Entretanto, esses riscos são muito menores do que aqueles vividos na cidade, por conta da sua “circunstância”, que batiza como a “condição veada”, e diz: “Então, sabia que a condição veada não era nada senão o medo de acabar como um coelho, com a cabeça batida na pedra” (Bivar, 2023, p. 5).

Ele que sempre fora vítima. A escola, com sua “diretora nazi que não admitia pretos”, fora para ele um espaço de humilhação: “No pátio, a prisão, a injúria, a humilhação. As tetas caídas beliscadas e repuxadas, gordo, badocha, a bicha obesa que não sabia que o era” (Bivar, 2023, p. 19). Não por acaso, algumas das lembranças mais violentas da personagem referem-se ao ambiente escolar, um espaço que deveria ser seguro para a livre expressão, mas é castrador e agressivo. Richard Miskolci, na obra *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, afirma que “a educação ainda é despreparada para lidar com as diferenças”, porque homogeneiza um grupo que é diverso, ao “inculcar valores dominantes e conteúdos previamente definidos”, em vez de realizar um

questionamento das injustiças e do diálogo com os anseios dos/as estudantes. Desejos silenciados antes mesmo de chegarem às palavras, já que lhes falta vocabulário para expressá-los, tanto pela tenra idade quanto pela forma como a educação tende a restringir seus horizontes, ao invés de expandi-los (Miskolci, 2012, p. 29).

As lembranças da escola, assim, são páginas desagradáveis deste catálogo de ódio e ressentimentos que o protagonista carrega. Mais tarde, a universidade igualmente receberá a marca do desprezo pela personagem. Na cidade, vivem as *bichas ressabiadas*, que traziam uma maldade, uma “mesquinhez sem grandeza” (Bivar, 2023, p. 9). Na cidade, também vivem os pombos, seres odiados, “ratos do ar e propagadores de doenças” (Bivar, 2023, p. 17), uma potente metáfora para o declínio da humanidade: “Que o símbolo do espírito santo fosse agora considerado nojento e dedicadamente combatido era sinal dos tempos” (Bivar, 2023, p. 17). Esse homem critica a domesticação dos animais no espaço urbano. Cães e gatos reduzidos a uma vida artificial, pouco saíam de casa e “cagavam em jornais e areias, esterilizados, isolados, alimentados com comida artificial e acabavam iguais aos donos” (Bivar, 2023, p. 18), que igualmente eram “esterilizados, domesticados, mortificados”. (Bivar, 2023, p. 32). Na cidade, os rios são poluídos com bocas de esgoto. Nas ruas, cheiro a mijo, cheiro a álcool. As pessoas assaltadas com “seringas infectadas com doença” (Bivar, 2023, p. 19). O cima estava em crise, o trabalho estava em crise: “Os que buscavam trabalho e não o encontravam sentiam-se inúteis, os que encontravam sentiam-se desgraçados porque trabalhavam demais e não conseguiam pagar as contas, a vida e o dentista” (Bivar, 2023, p. 22). Pessoas

que ainda faziam trabalho escravo ou “sonhavam ser cantores de rap”, fugindo da violência da polícia.

A personagem de *A charca*, portanto, se embrenha no mundo natural e tenta deixar para trás esse lastro de sofrimento relacionando à vida urbana. A atenção agora é dedicada ao mundo das coisas vivas, mas ele também precisa lutar nesse mundo para sobreviver. Assim, num processo quase de desintoxicação civilizatória – similar ao vivido pelo já citado queirosiano Jacinto – esse homem consegue identificar, cada vez de modo mais nítido, os pontos de fragilidade e desespero de sua vida pregressa. O embasbacamento tecnológico é um deles: “passados meses nas pedras era-lhe claro que a quantidade de informação a que antes se expusera matava-o, inundava-o, afogava-o” (Bivar, 2023, p. 77).

A onipresença das telas conectadas transformou o homem em um holograma, entregando às redes toda a sua privacidade, 24 horas conectados: “Optamos em deixar que o smartphone ou o smartwatch nos indique a qualidade de nosso sono ou quantos passos damos, mas, na verdade, submete-nos ao ditado da quantidade correta” diz Byung-Chul Han (2022). Bauman (2004, p. 78) igualmente destaca o vício do celular, do smartphone. As pessoas não conseguem deixar de olhar as mensagens, as notificações: “Você nunca perde de vista o seu celular” porque “estando com seu celular, você nunca está fora ou longe (...) Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável”. Byung-Chul Han (2021) afirma:

O smartphone é hoje um lugar de trabalho digital e um confessionário digital. Todo dispositivo, toda técnica de dominação gera artigos cultuados que são utilizados à subjugação. É assim que a dominação se consolida. O smartphone é o artigo de culto da dominação digital.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2022), afirma ainda que “a internet é um espaço autorreferencial onde se busca circular a si mesmo. Mais sobre o que já pesquisei, mais sobre o que quero ler, mais sobre pessoas que pensam como eu. Não existe o desafio do outro. O espaço virtual é um inferno de monotonia”. Muito similar é a percepção que o protagonista de *A charca* possui, para quem “a invenção da nova linguagem não era mais que a primeira indicação de uma sociedade orientada por psicopatas narcísicos”. (Bivar, 2023, p. 77). Ele complementa:

A internet não ajudava e a possibilidade de rapidamente se poder saber tudo levava a que muito mais rapidamente se chegasse à conclusão de que tudo era uma merda. Acabava-se o lugar de fuga e o sonho irrealista que faz mexer e andar em frente. Sabendo-se os resultados à partida desistia-se inevitavelmente (Bivar, 2023, p. 77).

Também Noam Chomski (2023) debate o tema, sublinhando algo evidente, mas difícil de ser alcançado: “a verdadeira forma de controlar o processo é acabar com a procura. Fazer com que as pessoas compreendam que há mais coisas no mundo além das fantasias na Internet”. Esse é o movimento pretendido pelo homem da charca, porém o mundo externo por vezes chama o protagonista, especialmente quando o “anjo da fornicção” se apresenta. Essa é a expressão utilizada pela personagem naqueles momentos em que o desejo sexual vence e ele descumpra a sua promessa “de viver completamente apartado da tecnologia, de largar computador, telefone e aplicações” (Bivar, 2023, p. 65). Nessas horas, baixava os aplicativos de encontros destinados ao público gay, navegando num “mar de carne transfronteiriço, os bíceps e os abdômenes encolhidos na beira de barragens e piscinas, as tatuagens e os calções curtos, tantos músculos, tanta barriga, tanta chicha” (Bivar, 2023, p. 65). As imagens idênticas – corpos musculosos em diferentes poses e ângulos – apontam para uma padronização estética que é regra nas redes sociais. Diz Han: “O imperativo neoliberal de rendimento, de atrativos e de boa condição física acaba por reduzir o corpo a um objeto funcional que é necessário otimizar” (Han, 2018, p. 16). A internet é, portanto, conforme Han, na obra *A expulsão do outro*, essa “caixa de ressonância especial”, uma “câmara de eco da qual foi eliminada toda a alteridade, toda a estranheza” (Han, 2018, p. 14), porque “a comunicação global consente somente mais idênticos – ou os outros somente na condição de serem idênticos” (Han, 2018, p. 14)

Apenas nessas horas abandonava provisoriamente esse projeto de vida para encontrar-se com um homem qualquer, de forma anônima e sem afeto. Ali, submetia-se às mais tórridas fantasias, porque conforme Lipovetsky (2007, p. 228),

no espaço-tempo da internet, não apenas o corpo é posto entre parênteses, mas também o tradicional espaço privado. Permitindo jogar com a identidade pessoal, tudo dizer impunemente, ser visto e entrar em contato instantâneo com incontáveis desconhecidos, o ciberespaço cria um novo gênero de conforto, um conforto de terceiro grau, assinalado por traços hiperprivados ao mesmo tempo que hiperpúblicos.

Encontrando-se furtivamente com estranhos no mato ou nas rodovias, o homem equilibra-se entre o pique do desejo e a frustração pós-sexo: “Naquela estrada sentiu a mais desoladora das tristezas. Naquele carro em busca de picha ele era como os outros, “um homem quase velho, enrustido e profissional tolerado” (Bivar, 2023, p. 67) que vivia as mais extremas fantasias sexuais para “de novo voltar à camilha onde passava a semana ao computador como se não fosse deste mundo” (Bivar, 2023, p. 67).

A charca também carrega uma forte crítica à pausterização do mundo gay, às armadilhas que a sociedade impõe a partir desses padrões estéticos exigidos

para uma vida sexual minimamente satisfatória. O protagonista da obra, pelo que apresenta o narrador, sempre fora vítima desse sistema, sentindo-se excluído, não pertencente, incapaz de ser ele mesmo a partir do que sentia. Ainda assim, ele não resiste quando o anjo da fornicção surge na sua frente, e precisa sentir-se no mais baixo nível de degradação, vivendo relações sexuais rápidas e anônimas, um gozo breve e insípido, saindo dos automóveis na beira das estradas, “mordendo limões para disfarçar o sabor amargo e doce da gonorreia” (Bivar, 2021, p. 66).

Manuel Bivar apresenta, pois, forte ironia a esse mundo gay português (mas universal). Diz o narrador: “Um país que tem na bicha sua prova póstuma de nacionalidade, em que a bicha era a profissão e seu pensamento natural e orgânico, era o lugar certo para ele” (Bivar, 2023, p. 49). Refere-se a D. Sebastião, a quem chama de *criança veada*, também ela “incapaz de amar a si própria, porque foi criada para ter asco de si própria, e que, num gesto de grandeza e instinto, redimiu e tornou a espera e a suposta decadência daquilo que foi sempre decadente numa virtude” (Bivar, 2023, p. 47). Logo, é evidente que essa criança veada, o símbolo da nação, seria o que acabou sendo quando cresceu, carregando o comportamento típico de uma *bicha maníaca*, redimindo “todas as bichas que tiveram o azar de nascer nesta terra” (Bivar, 2023, p. 47). Portanto, a desgraça veada histórica desta nação faz sentido para a personagem, que se sente pertencente, “era o país dele e pela primeira vez não queria fugir e sentia-se em casa. Ele que odiava a história, via-lhe agora até um resquício de utilidade” (Bivar, 2023, p. 49).

Amândio Reis (2021) defende que Bivar promove “a reinscrição da ‘bicha’ na história”. O protagonista de *A charca* entende, portanto, “os sentimentos de miserabilismo e rejeição, tão frequentes nas bichas que se permitem a dominação e a acomodação na desgraça” (Bivar, 2023, p. 57). Diferentemente do que ele já fora, entretanto, a vida no mato tornara-o uma *bicha rural*. Afirma António Guerreiro (2021): “A obra cria uma nova categoria, a da bicha rural. E há nisso uma grande novidade, porque não corresponde a nenhuma espécie de estereótipo”. Diz o narrador de *A charca*, “foi na cidade que a bicha encontrou seu lugar de fuga e onde, mais ou menos escondida e dissimulada, pôde ser livre. A mata urbana é seu território, pequeno paraíso sórdido onde recria a liberdade inicial e vagueia escondida” (Bivar, 2023, p. 42). António Guerreiro (2021) concorda: “A homossexualidade hoje é vista segundo os estereótipos da vida urbana. O homossexual vai ocupar os centros das cidades. Criam-se bairros que são frequentados predominantemente por homossexuais que garantem uma espécie de vida divertida, uma vida noturna”. Não na obra de Manuel Bivar, que traz “alguém que vive numa dimensão imanente com esse mundo cruel da natureza, habitado por uma luta pela sobrevivência, por uma dimensão sinistra que se espalha por todo o lado” (Guerreiro, 2021).

É por isso que a protagonista sente-se cada vez mais partícipe daquele mundo, que antes lhe era tão inóspito, já que “uma bicha rural que não acaba sozinha, violada por caçadores e comida por porcas, pode considerar-se sortuda” (Bivar,

2023, p. 58). Aos poucos, habitua-se com as pedras. Aliás, essa tendência de fechar-se em si próprio é apontada, também por Arnaut e Binet, como característica da literatura hipercontemporânea: “um intimismo que parece ser um voltar as costas a um mundo que é só dispersão e ausência de sentido. A busca de raízes, que a globalização tem tendência a tornar incertas; o mundo virtual que toma o lugar de uma realidade a que se prefere fugir” (Arnaud; Binet, 2018, p. 12).

A dependência aos aplicativos é substituída por um movimento muito mais saudável, longas caminhadas no meio do mato: “as suas voltas e a sua necessidade de andar durante horas mantinham-se apesar da exaustão do trabalho físico” (Bivar, 2023, p. 35). Ele, sempre sedentário na cidade, acaba por desenvolver uma outra rotina viciante, com um efeito catártico: “Era um hábito que não conseguia largar, era talvez a forma que tinha de largar a raiva, subir as serras, dar a volta aos montes, correr os carvalhais” (Bivar, 2023, p. 35). Não mais horas sentado em frente a um computador ou a uma televisão, porque: “há muito que achava que as pessoas eram feitas para passar os dias a andar, que o corpo humano não se destinava senão a andar ao menos oito horas por dia, sem parar” (Bivar, 2023, p. 35).

Graças às longas caminhadas ele vai conhecendo cada vez melhor o ambiente do qual já não se sente um ser estranho. É lá que desenvolve seu próprio espaço de contemplação. Mais que contemplação: imersão. Porque ele já não é o ser passivo da cidade: ele é agora ativo no meio. Naquela vida, procura encontrar seu lado mais selvagem, e ao estripar porcos e coelhos “limpava décadas de desgraça e humilhação” (Bivar, 2023, p. 11). Ali, no seu ilhamento voluntário, a todo instante reflete sobre a vida que tinha e que muitos nunca pensarão em abandonar. E pergunta-se: “O que seria destas cabeças com décadas de luz azul nos olhos da televisão e marrecas de computador? Que seria tudo isto senão um gigantesco suicídio colectivo, desejo de não existência, de não ligação, de não pertença?” (Bivar, 2023, p. 29).

O mundo lá fora morrerá, e era preciso fazer o luto, porque “o luto daquele mundo que acabara não estava feito. Sem luto, não haveria recomeço, mas apenas vagueares entre destroços” (Bivar, 2023, p. 103-104). E o homem de *A charca* acredita num recomeço.

Conclusão

Uma das tendências evidentes do romance português hipercontemporâneo (mas também da literatura hipercontemporânea de Portugal no seu todo) é o debate sobre questões muito críticas à forma como vivemos, ao mundo do capital, ao sistema econômico. Obras que apresentam um mundo em ruínas – como já disse, não necessariamente um mundo distópico – e que trazem personagens já com quase nenhuma paciência para a convivência humana. Podemos juntar o protagonista de *A charca* com as protagonistas de *Natureza Urbana*, de Joana Bértholo, *Dano e Virtude*, de Ivone Mendes da Silva, e o de *A noiva do tradutor*, de João Reis.

As quatro personagens afastam-se cada vez mais da lógica do mundo capitalista, recusam certos padrões de comportamento, como aquele amor ao trabalho (que por tanto tempo foi vendido no kit “como vencer na vida”, entregue para nós no final da infância), possuem certo asco ao humano, costumam falar sozinhos e adotam a deambulação, em longas caminhadas junto à natureza, como forma de resistência (exceção do tradutor de João Reis, que deambula por uma cidade em estado constante de putrefação). Recorto aqui uma ação recorrente tão simples como caminhar, mas que carrega um grito silencioso contra a vida que essas personagens (não) vivem.

Em *A charca*, objeto de análise deste ensaio, a potência do debate vem junto de uma consciência sempre pulsante desse homem que se isola no mato e que o narrador heterodiegético não consegue conter. Consciência que traz uma metralhadora de desafetos, ressentimentos e ódios contra o sistema. Um *maníaco*, nas palavras do narrador. Ou um dos últimos lúcidos num mundo já perdido?

Para Amândio Reis (2022), o caráter pirotécnico deste sujeito – que a certa altura acha que a única solução é tacar fogo nas aldeias, no mato, no mundo – revela uma *poética e religião do incêndio*: “porque o fogo é forma de fazer, de ter intervenção na matéria, e porque o fogo é amor também” (Bivar, 2023, p.59). Afirma Amândio Reis (2022): “Se o protagonista é um incendiário em potência, movido pelo ressentimento, a sua piromania tem de ser entendida também num plano quase crítico do texto, no quadro mais amplo de uma combustão criativa que leva a que o fim do mundo e o seu nascimento andem a par”.

Diogo Vaz Pinto (2021) corrobora essa ideia, porque, tendo em vista a vida que levamos, “todos já percebemos que isso está num ritmo que nos vai destruir [...]. Todos percebem a fachada, o problema é que o caminho tem que ser feito sempre interiormente, através do desespero”. O que acontece, para o jornalista, é que o homem de *A charca* escapa da apatia; age:

É um grito de uma pessoa que sai daquela condição de ser uma figura pacífica, tímida, em certos aspectos oprimida, que está num espaço de inserção em que todos nós vamos reconhecer nos nossos dias, estamos em cenários urbanos, estamos com empregos de merda, estamos dentro de um simulacro que é absolutamente ridículo e que se descontrolou (Pinto, 2021).

Pedro Eiras, em um de seus textos compilados na obra *A linguagem dos artesãos: 10 ensaios sobre o fim do mundo*, debate as diferentes acepções e usos do verbo *salvar*, vocábulo muito utilizado nas narrativas sobre as grandes catástrofes que colocam em risco o planeta e a sobrevivência humana. O pesquisador recorta desse raciocínio algumas expressões como “‘salvar uma vida’, ‘salvar a alma de um pecador’, ‘salvar uma empresa da falência’, ‘salvar uma revolução’” (Eiras, 2022, p. 143), e amplia a discussão, trazendo também a necessidade de um olhar coletivo e social:

Salvar é a tarefa central, urgente, inadiável de várias formas de activismo, e implica uma transformação inteira do mundo, uma revisão da noção de justiça, uma revolução conceptual que interrogue conceitos como identidade, alteridade, direito, *homo sacer* (Agamben) e *grievable life* (Buttler). Salvar, neste sentido, implica transformar o mundo (Eiras, 2022, p. 144).

O protagonista de *A charca* já entende que o mundo em que vive não pode ser salvo, e por toda a narrativa desfila os motivos que deixaram o planeta nesta situação: “Era preciso fazer o luto, enterrar o mundo, fazer a grande cova e metê-lo lá dentro num grande cortejo” (Bivar, 2023, p. 103). Por isso, o homem carrega a semente da transformação pessoal como arma para a sua própria salvação. De algum modo, utiliza-se da acepção, também citada por Pedro Eiras (2022, p. 143): “salvar alguém de si próprio”. O protagonista de *A charca* acreditava que “as formas de vida estão condenadas a desaparecer quando o ambiente muda a não ser que se transformem” (Bivar, 2023, p. 76). Por isso, ele se transforma. A sobrevida desse homem estava já por demais atrelada ao meio que escolhera viver.

Gilles Lipovetsky (2015, p. 31) afirma que “o momento contemporâneo caracteriza-se pela *desutopização* ou pela desmitificação do futuro”. Ou seja, “As tragédias do século XX e os novos riscos tecnológicos e ecológicos produziram golpes terríveis nesta crença num futuro perpetuamente melhor. (...) Nossa época é acompanhada de desassossego e de desengano, de decepção e de angústia” (Lipovetsky, 2015, p. 32). Somos frutos desse tempo, como o protagonista do romance, que é construído, de modo visível, com um olhar avassalador sobre a condição humana e sua ação frente ao mundo.

O mundo como conhecera já havia acabado. O sujeito da cidade “não via nada, nem presente nem futuro, porque estava rodeado de história que mata, de património, da melancolia e da ruína de uma sociedade que acabara” (Bivar, 2023, p. 78). Manuel Bivar (2021), em entrevista, afirma que seu protagonista começa a conviver com “coisas que exigem um olhar atento ao novo que está a surgir”. A ruína do futuro obriga ao protagonista de *A charca*, portanto, a ressignificar esse novo. Ou seja, recuperando o final da última passagem de Amândio Reis (2021): “uma combustão criativa que leva a que o fim do mundo e o seu nascimento andem a par”. Porque, ainda de acordo com o pesquisador, “a refundação/refundição do mundo exige, portanto, que se imagine futuros: nem Apocalipse, nem Génesis, mas Palingénese, o recomeço que se entretece com todos os fins, e que parece ter sido, até agora, pelo menos, a história desse «uno» metamórfico a que chamamos vida na Terra”.

E essa refundação, esse novo estava justamente no velho, naquilo que sempre esteve lá, porém esquecido. O novo estava num primordial intocado, no meio das pedras, da natureza. O novo aconteceu quando os cágados acostumaram-se com esse homem e começaram a comer na sua mão, quando bebia infusões de ervas e

“tinha a sensação de levitar” (Bivar, 2023, p. 94), quando criou raízes naquela terra que de início lhe fora hostil. Quando descobriu que “não era ele que intervinha no ambiente, era o ambiente que intervinha nele e o transformava” (Bivar, 2023, p.103).

Ele era uma das gentes sem mundo, mas então “percebeu que era dali, se tinha enraizado e não queria mais nada” (Bivar, 2023, p. 94). Ele desejava também fazer parte daquele ecossistema, “ser comido, dissolvido e aproveitado. Estes clarões, pensando em morte, davam-lhe alento” (Bivar, 2023, p. 75).

Essa dissolução da única pessoa viva presente do início ao fim da narrativa corrobora com a ideia, já aqui levantada, da *humanidade mínima*. Conforme Pedro Eiras (2022, p. 75), “esse imaginário questiona os limites do testemunhável”, e isso implica “o desaparecimento de todas as testemunhas; a própria narrativa do cataclismo aponta para a condição de inenarrabilidade. (...) só pode haver relato do fim do mundo graças à existência, performativamente demonstrada, do próprio mundo”.

É o mundo que, metaforicamente, começa a narrar a sua própria história e a história daquele homem, através da capacidade da comunicação entre os seres: “Diz-se que as árvores se ajudam umas às outras através das raízes partilhando nutrientes e emitindo todo o tipo de sinais” (Bivar, 2023, p. 105). É o mato, as pedras que narram. Eu disse, lá no início deste texto, que a natureza de *A charca* vence o homem. Mas vence aquele homem que, como bem afirma o narrador, não se transforma, não se modifica, não entende que é menor que ela. O protagonista não é vencido, porque se metamorfoseia em bicho, em tronco, em seiva. Não é vencido, mas aceito. Só assim, esse homem pessimista e sem futuros, atinge algum tipo de redenção. Porque “nas pedras, sozinho, a olhar as águias, sem internet e pornografia, ele sentia nascer o desejo. Sentia que um novo mundo começava e estava diante de si e ele via-o e entrava pelos abismos e escuridades dos fundos com a luz do novo” (Bivar, 2023, p. 84).

ANGELINI, PRK. People without a world: the failure of civilization in the book “A Charca” by Manuel Bivar. *Itinerários*, Araraquara, n. 58, p. 57-74, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *In this essay, I present an analysis of the book “A charca” by Manuel Bivar from the perspective of the disintegration of civilization and the rediscovery of man in a primordial, wild, and brutal nature. Possessing a furious and powerful discourse critical of the hyper-consumer society and omnipresent technology, the protagonist of the narrative isolates himself from the world, people, and his own past life in an attempt to recompose himself as an individual and ensure survival on a planet amidst chaos. In the examination of key concepts such as the dissolution of identities in the technological world, the symbolism of the end of the world, and nature in its pure state, I employ*

theoretical frameworks from authors such as Byung-Chul Han, Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman, Christian Dunker; Ana Paula Arnaut, Pedro Eiras, among others.

■ **KEYWORDS:** *Hyper-contemporary Portuguese narrative. A charca. Technology. Nature. Identity.*

REFERÊNCIAS

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik; CANILHA, Samla Borges. The Shattered Narrative of Mafalda Ivo Cruz. In: ARNAUT, Ana Paula; MEDEIROS, Paulo de (Orgs). **The Hypercontemporary Novel in Portugal: Fictional Aesthetics and Memory after Postmodernism**. New York: Bloomsbury, 2024.

ARNAUT, Ana Paula; BINET, Ana Maria (eds.). Introdução, Coimbra, **Revista de Estudos Literários**, vol. 8, 2018, pp. 11-15.

ARNAUT, Ana Paula. ‘Do Post-Modernismo ao Hipercontemporâneo: Morfologia(s) do Romance e (Re)figurações da Personagem’, Coimbra, **Revista de Estudos Literários**, vol. 8, 2018: pp. 19–44.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

BECKER, Caroline Valada. **Inscrições distópicas no romance português do século XXI**. Orientador: Paulo Ricardo Kralik Angelini. 180 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2017.

BINET, Ana Maria; ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik (eds.). Introdução, Porto Alegre, **Revista Letras de Hoje**, n. 51 (4), 2016, pp. 447-449.

BIVAR, Manuel. **A Charca**. 3 ed. Lisboa: Língua Morta, 2023.

BIVAR, Manuel; GUERREIRO, António; PINTO, Diogo Vaz. **Manuel Bivar conversa com António Guerreiro e Diogo Vaz Pinto**. Boomerangue#3, Feira do Livro do Porto. Setembro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=di-KcoxSCKU>

CERDEIRA, Teresa Cristina. A Cidade e as Serras: romantismo extemporâneo? In: **O avesso do bordado**: Ensaios de literatura. Lisboa: Caminho, 2000.

CHOMSKI, Noam. “Noam Chomski: ‘Esta inteligência artificial é o ataque mais radical ao pensamento crítico’”. [Entrevista concedida a Ivo Neto e Karla Pequeno]. Lisboa, Portugal: **O público**. Abril de 2023. Disponível em <https://www.publico.pt/2023/04/28/culturaipsilon/entrevista/noam-chomsky-inteligencia-artificial-ataque-radical-pensamento-critico-2047342>

- EIRAS, Pedro. **A Linguagem dos Artesãos**: 10 ensaios sobre o fim do mundo. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: Sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.
- HAN, Byung-Chul. "Byung-Chul Han: 'O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário' [Entrevista concedida a Sergio C. Fanjul] Madri, Espanha: **El País**, outubro de 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html>
- HAN, Byung-Chul. "A dominação se torna bem-sucedida ao se disfarçar de liberdade": [Entrevista concedida a Flavia Tomaello] Buenos Aires, Argentina: La Nacion. Abril de 2022. [Tradução **Cepat**. Instituto Humanitas Unisinos]. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617549-a-dominacao-se-torna-bem-sucedida-ao-se-disfarcar-de-liberdade-entrevista-com-byung-chul-han>
- ISSBERNER Liz-Rejane; LÉNA, Philippe. Antropoceno: os desafios essenciais de um debate científico. **Unesco**, abril de 2018. Disponível em <https://www.unesco.org/pt/articles/antropoceno-os-desafios-essenciais-de-um-debate-cientifico#:~:text=O%20termo%20Antropoceno%20foi%20criado,consumo%20excessivo%20de%20recursos%20naturais>.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Tradução de Luís Filipe Sarmento. Lisboa: Edições 70, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARQUES, Ricardo. Ecocrítica. In: CEIA, Carlos (Org) **E-Dicionário de termos literários**. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecocritica>
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora : UFOP · Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- QUEIROZ, Eça de. **A Cidade e as Serras**. São Paulo: Hedra, 2000.
- QUEIROZ, Eça. Civilização. In: **Contos**. São Paulo: Martin Claret, 2022.
- REIS, Amândio. Manuel Bivar, A Charca. **Forma de Vida**, 2022. DOI. <https://doi.org/10.51427/ptl.fdv.2022.0023> .
- REIS, Carlos. Nota prévia. Coimbra, **Revista de Estudos Literários**, vol. 8, pp. 7-10.
- VEIGA, José Eli. Antropoceno e Humanidades. Anthropocena. **Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, n. 3, 2022. p. 19-47

